

DESAFIOS DA FÉ E DA RAZÃO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA (Challenges of Faith and of Reason in the Post-Modern Society)

Thiago Nunes Barros

Licenciado em filosofia pelo Instituto Salesiano
De Filosofia (INSAF), pós-graduado em pedagogia salesiana
pela Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE),
atualmente bacharelado em teologia no Centro Universitário
Salesiano (UNISAL) em São Paulo - SP - Brasil.
E-mail: thiagosdb@yahoo.com.br.

Resumo

O artigo é uma síntese da comunicação apresentada no VI Congresso de Teologia de São Paulo com o tema “*Tempos urbanos: desafios da pastoral na grande cidade*”. O texto trata da relação entre modernidade e pós-modernidade desvelando os reptos que se impõem a fé e a razão no espaço urbano contemporâneo. Os desafios ideológicos fundados nas características fundamentais desse momento da história tocam as relações humanas e a prática pastoral, pois se referem essencialmente à verdade, aos valores, à ética e à vida. Essa complexidade reverbera também nos recentes discursos do magistério da Igreja, denotando a preocupação e a atenção com o homem integral que está diante dessas provocações.

Palavras-chave: Fé. Razão. Pós-modernidade. Modernidade. Desafio. Metanarrativa.

Abstract

The article is a summary of the paper presented at the VI Congress of Theology in St. Paul with the theme "Times urban: the challenges of ministry in the big city." The text deals with the relationship between modernity and postmodernity, revealing the challenges which are imposed on faith and reason in contemporary urban space. The ideological challenges based on the fundamental characteristics of this moment in history touching human relationships and pastoral practice because they relate primarily to the truth, values, ethics and life. This complexity also reverberates in the recent speeches of the Magisterial of the Church showing the concern and attention to the whole man who is facing these provocations.

Keywords: Faith. Ratio. Postmodernity. Modernity. Challenge. Metanarrative.

Introdução

A expressão pós-modernidade é repleta de controvérsias no cenário cultural. Muitos têm grandes resistências ao prefixo. Daí a primeira dificuldade que encontramos, haja vista a grande gama de significados para denominar esse momento da história. Destacamos entre essa diversidade as seguintes definições: Modernidade avançada, P. Libanio; Modernidade pós-cristã, P. Vaz; Radicalização da modernidade, Giddens e Beck; Capitalismo tardio, Jamesson; Ultra-modernidade, Morin; Era do simulacro, Baudrillard; Era do vazio, Lypovetsky; Modernidade líquida, Bauman; Fim da história, Fukuyama; Época da virada, McLaren; Nova fase da história, *Gadium et Spes* n.04.

Frente à multiplicidade de significantes, consideramos a plausibilidade e a lucidez com a qual o Papa João Paulo II se referiu a esse momento histórico e suas implicações para a fé e a razão:

A nossa época foi definida por certos pensadores como a época da “pós-modernidade”. Este termo, não raramente usado em contextos muito distanciados entre si, designa a aparição de um conjunto de fatores novos, que, pela sua extensão e eficácia, se revelaram capazes de determinar mudanças significativas e duradouras. (...) Uma coisa, todavia, é certa: as correntes de pensamento que fazem referência à pós-modernidade merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, de fato, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero. Muitos autores, na sua crítica demolidora de toda a certeza e ignorando as devidas distinções, contestam inclusivamente as certezas da fé. (JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, n. 91 – *grifos nossos*).

Entretanto, nesse trabalho, a definição oferecida por Lyotard revela bem o propósito da pós-modernidade: “incredulidade com relação às metanarrativas.” As certezas, as referências, as grandes respostas são postas em xeque na contemporaneidade. A subjetividade, desse modo, alcança o seu apogeu. O homem incrédulo, e cada um individualmente, é o critério; o certo e o errado ganham *status* de categorias relativas. Essa incredulidade, para nós, é o desafio-mor à fé e à razão.

1. Da modernidade à pós-modernidade

O projeto da modernidade foi caracterizado resumidamente, por Max Weber, como o desencantamento do mundo. Isto implica uma virada epistemológica. A supremacia está no saber do homem. Emerge, assim, uma cultura antropocêntrica e secular que deposita na razão uma ilimitada confiança; chega-se fundamentalmente à fé na racionalidade e no progresso e a crença na sociedade promissora.

Nesse dado momento da história, nós percebemos um claro rechaço à metafísica medieval em detrimento da ascensão da razão revestida da capacidade de emancipar o homem. Com isso, ganha espaço e prerrogativas importantíssimas que vão demarcar radicalmente a história da humanidade, dentre essas realçamos a visão mecanicista apresentada por Descartes, baluarte da ciência empírica/moderna e ainda da contemporaneidade, em muitos casos.

Os contemporâneos, especialmente a escola de Frankfurt, questionam o “êxito” do projeto moderno. Eles tecem uma aguda crítica a razão iluminista. O progresso apregoado pelas ciências e as técnicas não conseguiu gerar um homem emancipado, pelo contrário, formou um mundo inseguro, instável, medroso, inquieto, sem referenciais duradouros ou no mínimo confiáveis. Os instrumentos, supostamente de “libertação”, se converteram em instrumental de destruição; os aviões, os governos autoritários, a miséria e as guerras conduziram o homem ao resgate das suas ações mais primitivas, chegando a ponto de favorecer uma das maiores atrocidades da humanidade: o holocausto, a vitória da “desrazão”, o apogeu da barbárie.

Nesse sentido, a denúncia de Adorno e Horkheimer são muito pertinentes. A racionalidade tornou-se instrumental, o conhecimento foi somado ao poder gerando a reificação/coisificação do homem: o eclipse da razão. As conseqüências disso chegam, de acordo com Alain Touraine e Gaston Bachelard, à epistemologia dando vazão ao relativismo.

Aquilo que um dia foi imaginado como um porvir glorioso no final das contas não deixou o homem mais feliz. Livre da submissão religiosa e guiado unicamente por sua razão, o homem seria o dono de seu destino, imaginava-se. Mal desconfiavam os iniciadores desse programa que essa razão, libertadora das cadeias do autoritarismo, haveria de converter-se ela mesma numa espécie de novo deus cujas divindades menores haveriam de conduzir os homens a uma nova forma de alienação. (GOERGEN, 2005, p. 08)

A razão, portanto, converteu-se num mito – denúncia feita por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* – da calculabilidade e do mundo administrado. Em suma, a razão esqueceu a exigência de pensar o pensamento, conseqüentemente ela não fez o homem ser mais humano.

A pós-modernidade foi descrita de forma muito interessante por D. Oscar Andres Cardeal Rodriguez, arcebispo em Honduras, levando em conta dados histórico-sociais e sócio-psicológicos. O cardeal tem apresentado contribuições muito interessantes para a leitura da pós-modernidade em domínio eclesial. Dentre os dados, destacamos na compreensão histórica: o desaparecimento das grandes figuras carismáticas e o surgimento de pequenos ídolos fugazes e voláteis; a conversão dos MCS em transmissores/ditadores da verdade; a perda da intimidade, a conversão da vida em *show*; a dessacralização da política, etc. Quanto à abordagem psicológica realçamos: o processo de perda da personalidade individual – massificação; a predominância do culto ao corpo e a liberdade pessoal; a perda da fé na razão e na ciência; culto a tecnologia e a virtualidade nas relações.

A passagem da modernidade à pós-modernidade é muito mais tênue que nós podemos realmente imaginar. Limites se apresentam, benefícios são reconhecidos, valores são relegados em nome do progresso que não trouxe felicidade a sede do homem. Resta-nos, assim, almejar a lucidez da fé e da razão sem perder a esperança.

2. Características fundamentais da pós-modernidade e os desafios

A incredulidade em relação às metanarrativas dá vida a novos processos de subjetivação, novos modos de ser e estar no mundo. Esse processo atinge cabalmente as práticas discursivas gerando continuidades e descontinuidades históricas. Recordemos que a força da fé e da razão está, não só, na prática do discurso, na transmissão da fé, no veículo da educação e nas formulações da razão.

Quatro são, em nossa percepção, as características fundamentais da pós-modernidade. Elas geram desafios ideológicos que tocam profundamente as nossas relações humanas e a nossa prática educativo-pastoral. Referem-se essencialmente à verdade, aos valores, à ética e à vida.

2.1 Decadência das metanarrativas e fragilização da verdade

Na modernidade postulava-se uma espécie de unificação do mundo e das representações, ou seja, a homogeneização fazendo uso das metanarrativas. Os grandes relatos de referência, identificados como metanarrativas, tinham de forma intrínseca uma função de legitimação, aproximando-se eventualmente da idéia mítica. No contexto pós-moderno, isso é deposto; novas epistemologias ocuparão o cenário fragmentando, por conseguinte a verdade. Emerge, assim, a grande expressão filosófica do pluralismo: a fragilização da verdade.

Em 1979, Lyotard escreve como conclusão de uma pesquisa encomendada pelo governo canadense, o livro “A condição pós-moderna”. Neste texto atesta-se a impossibilidade de se crer nas metanarrativas devido há alguns fatos históricos que marcaram o fracasso de alguns discursos que tinham a pretensão de responder e propor o “novo” indispensável e perfeito; exemplos clássicos tornaram-se o comunismo e o socialismo.

As metas-narrativas são entendidas a partir de dois prismas singulares: a especulação enquanto aspiração de explicação do universo, e a emancipação expressa como libertação do mito. Essa pretensão de universalidade implica uma base epistemológica formada por três elementos em relação. Primeiro, o indivíduo cognominado senhor do mundo, possuidor da autoreferencialidade geradora do desafio do EGOCENTRISMO; como dizia o rei francês “a razão sou eu”. Outro componente é a história que se desenrola rumo à emancipação redimensionando estatutos sociais e até mesmo éticos. Por fim, a razão que viabiliza o desenvolvimento científico-tecnológico tornando-o uma supremacia abstrata; daqui advém o conceito de povo diferente ao de multidão que gerará posteriormente o declínio efetivo da metanarrativa com Auschwitz onde a falibilidade da razão será averiguada.

Com o declínio, algo vem ocupar o espaço. Prefere-se na pós-modernidade os relatos específicos a metanarrativas. As tribos, os grupos formados por afinidades das mais diversas, por pessoas com identidades frágeis em busca de superar crises existenciais e encontrar “iguais” corroboram a tese da fragmentação da verdade, da metafísica e do saber. Desse painel surge o desafio do RELATIVISMO, afirmação da relatividade do conhecimento humano e a incognoscibilidade do absoluto e da verdade em razão dos fatores aleatórios e/ou subjetivos. Isso ocasionará a emergência da racionalidade procedimental que se converterá também em desafio, o CIENTIFICISMO como apelo ao autêntico rigor cognitivo. Outra consequência dir-se-á da historificação da razão, o HISTORICISMO convertido como fundamento/dimensão mais profunda da realidade.

Antropologicamente encontram-se também decorrências. O homem moderno que tinha certezas por meio das metanarrativas é escanteado pelo homem pós-moderno irônico e utilitário. As incertezas darão luz ao PLURALISMO e a praticidade referente será traduzida como PRAGMATISMO, corrente filosófica defendida por grandes e renomados expoentes entre eles nós destacamos Rorty, Peirce e James.

A reviravolta lingüística também encontrará seu espaço nesse mundo plural. O LINGUISTICISMO se converterá na pedra de toque do embate com a metafísica. A lógica proposicional, os jogos de linguagem, a filosofia de Wittgenstein, de Derrida e dos membros do Círculo de Viena imporão, de uma forma ou de outra, uma pergunta à metafísica: como dizer o transcendental a partir do reconhecimento dos nossos limites humanos e da nossa necessidade racional na forma como o acolhemos? Como lidar e apresentar intuições metafísicas fundamentais num mundo tão plural e matemático?

2.2 Retração do espaço e da temporalidade

A compreensão do tempo, da vida e do futuro configura-se de outra maneira na contemporaneidade. O *carpe diem, no future* de Mafessoli torna-se a palavra de ordem. A idéia de “presentismo” ou presentificação implica a verificação de “novos” valores caracterizados pela simultaneidade e pela sua forma de ser etéreos.

A teleologia sofre uma guinada. Na modernidade acreditava-se no objetivo de mudar o mundo, transformá-lo, libertá-lo. Na pós-modernidade a subjetividade passa a ditar os rumos; o importante é gozar o mundo, o futuro e o trabalho são relativizados. A “ética” do instante, do aqui e agora dita as normas de convivência. Assim as relações tornam-se líquidas, como defende Bauman. As práticas difusas convertem-se em HEDONISMO, onde o importante é não sofrer, nem se desgastar. A versatilidade em vista da vantagem rápida é manifestada pelo IMEDIATISMO.

A modernidade concebia na idéia de adiamento do gozo; o trabalho era uma das vias para se conquistar o futuro, a salvação. Obviamente isso favorecia o capital. Hoje o cartão de crédito confirma a necessidade de se viver o agora e de ter tudo a mão, porque o amanhã é incerto e o ponto alto da meta a ser atingida não é para todos. O capital também assim é beneficiado.

Algumas metanarrativas cederam ao risco de se filiar ao *status* de ideologia. A psicanálise pode ser tomada como exemplo. Em nome do consumismo defendeu-se o LAXISMO, autorizando a permissividade e o declínio dos interditos. Em nome do corpo, da libido e do prazer o INSTANTENEÍSMO foi postulado. A memória, assim, foi posta em crise; o agora é o que realmente importa.

Devido ao avanço tecnológico, o tempo e o espaço contraem-se. O advento da internet, verificada enquanto viés de tempo real oferece a sensação de simultaneidade, de presentificação. Desse modo, o INDIFERENTISMO ganha campo visto que são imagens em relação e nada mais. Recordamos aqui Baudrillard e seus conceitos de simulacro e simulações, real e virtual. Os aviões indicam por um lado um grande benefício para humanidade como também a perda da noção de espaço e tempo, além de paradoxos econômicos e sociais.

A retração da temporalidade provoca, portanto, a morte das utopias. Onde acaba a esperança chega-se ao inferno, como escreveu Dante. A ausência das utopias, denunciada por Marcuse, verifica-se problemática porque patrocina o NIILISMO, negação das crenças e convicções na ótica de Nietzsche.

2.3 Tríade sedutora e controversa: ética, estética e consumo

Na modernidade o homem entendia-se como ser do dever que encontrava sua autonomia com o outro (imperativo categórico kantiano). A arte reveladora da estética estava separada da vida ética. Na pós-modernidade a ética e a estética unem-se na busca do gozo e no rechaço do dever. O estilo de vida deste ser do gozo é marcado pelas escolhas que consideram acima de tudo os desejos, as volições; esse estilo, foi identificado por Foucault como a estética da existência. Aliás, a estética é a marca da pós-modernidade, é o veículo onde se compartilham as emoções. As tribos pautam-se pela identificação e pelo prazer de estar juntos vivendo a ética da estética.

A oposição entre sociedade do dever e sociedade pós-moralista foi também uma dos temas de Lipovetsky: a ideologia do dever opõe-se a busca do bem-estar consumista; a ordem moral coliga-se ao prazer proibido; a lógica do consumo de massa exprime-se na estética do gozo. Deus, pátria, família, futuro só valem como meios para a auto-realização pessoal; isso dá margem para o conceito de UTILITARISMO associado à Bentham.

A cooptação entre ética e estética desemboca no culto ao corpo e na valorização da aparência. Essa soma favorece o NARCISISMO e, por conseguinte o ATEÍSMO como resposta ao FARISAÍSMO. A “onipresença” da mídia indica a necessidade de se alimentar o desejo de consumo. Esses mesmos MCS favorecerão o surgimento de um desafio instigante, a COLONIZAÇÃO DA VIDA, onde está presente a simbiose entre mercado e mídia resultando na adição da catarse e do consumo; a cultura da imagem destacar-se-á enquanto VOYEURISMO. Nesse ínterim a ilusão será resultante dos JOGOS DE SEDUÇÃO com lógicas e instâncias próprias por meio de novas subjetividades seladas pela via do controle e do poder desterritorializado, como esclareceu Deleuze.

A percepção de imagens idealizadas criará guerras estéticas e econômicas. O sentimento de culpa, típico da modernidade será substituído pela anorexia, depressão, pânico, etc. O outro se equipará ao objeto de consumo onde tudo vale inclusive a violência: BANALIZAÇÃO DA VIDA. O indivíduo cada vez mais se sentirá enfraquecido e necessitado do CONSUMISMO para continuar vivendo e sendo.

2.4 Mercantilização da vida

O declínio das metanarrativas, a fragmentação da verdade, a estética da vida explicam o mal-estar generalizado que se dá sob o pano de fundo da insegurança diante da impossibilidade de se planejar o futuro a longo prazo. Arvorada, desse modo, a vida é transformada em mercadoria, aduaneiro de um novo capitalismo.

Os extremos do capitalismo corroem o caráter, como sublinha Sennett. A insegurança dará espaço ao SINCRETISMO como busca de resposta para os porquês da suspeita e da ausência de certeza. Porém, torna-se problemática a falta de critérios para tanto. Cai-se, por vezes, assim, no FIDEÍSMO e no FUNDAMENTALISMO. Essa procura de soluções chega também às biografias individuais almejando encontrar respostas para problemas socialmente produzidos bloqueando, desse modo, as saídas coletivas e terminando, amiúde, na defesa e vivência do LAICISMO.

O capitalismo expresso assim apadrinha a diluição das fronteiras entre economia e cultura. A economia ocupa o lugar de protagonista. As conseqüências fazem-se nítidas na desregulamentação das relações de trabalho e no código moral da sociedade. Dá-se, então, o aumento do INDIVIDUALISMO, o enfraquecimento do laço social e a produção de uma cultura narcísica preocupada só consigo mesma.

A fabricação do objeto, meta do capitalismo clássico cede à necessidade do desejo e da crença em nome do capitalismo cognitivo. A nova vertente capitalista exige um novo modelo de trabalho. A flexibilidade marcará a subjetividade reflexa nas tarefas. Temos aqui a ascensão do CONFORMISMO. A dedicação integral captura o trabalho e a vida completa do indivíduo. Positivamente é interpretada a potência de produzir além da jornada que se confunde como espaço de inter-relações contínuas onde não há diferença entre tempo de trabalho e tempo de vida.

Portanto, na pós-modernidade o trabalho mudou e continua mudando. A valorização é sinal evidente. Hoje o que conta é o trabalho vivo, imaterial, intelectual, o que é móvel no espaço e flexível no tempo. O valor está sob o CAPITALISMO COGNITIVO, na cooperação entre cérebros, na alimentação do desejo e da vontade, na inteligência e na crença.

O fenômeno multifacetado favorecido pela GLOBALIZAÇÃO tem a ver com um modo de vida aberto, público, sem ambiente definido. A versatilidade acoberta o MOBILISMO. A vida é comercializada num novo modelo de produção capitalista usando a subjetividade flexionada.

3. Ressonâncias dentro da Igreja

A Igreja, sensível aos sinais dos tempos, demonstra-se compassível às aflições e buscas humanas. Aliás, essa foi a grande ideia confirmada e assumida pelo Concílio Vaticano II, proporcionada na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. O magistério Pontifício, inúmeras vezes, revelou-se atento aos problemas da humanidade, especialmente quando as “novidades” ameaçavam ferir o resguardo da vida humana e da mensagem evangélica.

A pós-modernidade desafia a Igreja vivamente. A resposta eclesial não se furta aos seus deveres e nem muito menos se precipita diante da ansiedade e do clamor de algumas pessoas que parecem caminhar ao vento aspirando a companhia de todos, desejosos de não ter que enfrentar nada que possa questionar seus ideais e suas veleidades. A coerência, a adesão da fé, a novidade vivida e pregada por Cristo e a racionalidade da fé são questionadas por diversos segmentos sociais.

Em uma das passagens mais importantes da homilia da Missa de abertura do conclave, o então Cardeal Ratzinger afirmava sabiamente:

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modas de pensamentos... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos não raramente foi agitada por essas ondas - jogada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao libertinismo; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo, e assim por diante. Todo dia nascem novas seitas e se realiza quando diz São

Paulo sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a arrastar ao erro. Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, frequentemente é etiquetado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é o deixar-se levar "aqui e acolá por qualquer vento de doutrina", aparece como a única atitude que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida somente o próprio eu e as suas vontades. (CARDEAL RATZINGER *Homilia da Missa Pro Eligendo Romano Pontífice, 18-abril-2005*).

O progresso, a técnica, a fragmentação inclinam-se ao estabelecimento de dicotomias. Os homens tendem a se sentirem cindidos internamente. A fé e a razão são polarizadas em pessoas sedentas e ameaçadas pelas inúmeras possibilidades.

(...) ameaças que resultam destas mesmas possibilidades e devemos perguntar-nos como poderemos dominá-las. Consegui-lo-emos apenas se razão e fé voltarem a estar unidas numa forma nova; se superarmos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrirmos de novo toda a sua amplitude. Neste sentido, a teologia não só enquanto disciplina histórica e humano-científica, mas como verdadeira e própria teologia, ou seja, como indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências. (PAPA BENTO XVI, *Aula Magna da Universidade de Regensburg, 12-set-2006*).

A cultura ocidental revela-se pretensiosamente universal e auto-suficiente, geradora de um novo estilo de vida como vimos acima. Isso implica, de acordo com o parecer do Papa Bento XVI, uma nova onda de iluminismo e laicismo, onde só seria racionalmente válido o que é experimentável e calculável, da mesma forma no campo da práxis a liberdade individual é erigida em valor fundamental aos quais, todos de uma forma ou de outra, deveriam anuir e sujeitar-se.

Em estreita relação com tudo isto tem lugar uma redução radical do homem, considerado um simples produto da natureza, como tal não realmente livre e por si só susceptível de ser tratado como qualquer outro animal. (...) Nesta mesma linha, a ética é reconduzida até aos confins do relativismo e do utilitarismo, com a exclusão de todo o princípio moral que seja válido e vinculante por si mesmo. (PAPA BENTO XVI, *Discurso no IV Congresso nacional da Igreja Italiana, 19-out-2006*).

A Igreja, em síntese, está a par do cenário cultural que estamos vivendo. O atual Papa, como os seus predecessores, tem consciência da complexidade das questões suscitadas nos últimos anos. Respostas estão sendo buscadas em nome da unidade do Evangelho de Cristo cujo centro converge para a compreensão do homem inteiro em relação e na construção da história.

Considerações finais

O sufixo *ismo*, em muitos ambientes, é ridicularizado e desconsiderado em nome de tendências pragmáticas. No nosso trabalho ele aparece como caracterizador dos desafios por nós elencados. Na verdade, ele foi literalmente evocado enquanto expressão de doutrina,

sistema, teoria, tendência, corrente etc. Visto que os desafios emergem em meio a problemas contemporâneos com a pretensão de preencher as lacunas proporcionadas pela ausência das metas-narrativas.

O enredamento social atual provoca a fé e a razão de forma muito singular. O enigma da esfinge permanece muito vivo entre nós; ou deciframo-lo ou seremos devorados enquanto educadores da fé.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade Líquida: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1993.
- BENTO XVI. *Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões*. (Aula Magna da Universidade de Regensburg), 12 de setembro de 2006. Mimeo.
- _____. *Discurso aos participantes do IV Congresso nacional da Igreja Italiana*, 19 de outubro de 2006. Mimeo.
- CALIMAN, C. (org.) *A sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *A escrita e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- JAMESSON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JAPIASSÚ, Hilton. *A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional*. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica sobre as relações entre fé e razão, 1998.
- LIBANIO, João Batista. *Deus e os homens: os seus caminhos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Eu creio, nós cremos: Tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2004.
- LYPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'água, s/d.
- MARADIAGA, Oscar Andres Cardenal Rodriguez. *Desafios de la postmodernidad para la mision*, 2008. Mimeo.
- MONTOVANI, Mauro. La posmodernidad vista em y desde Fides et ratio. In: *Pensar y educar*. Anuario del Instituto superior de filosofia San Juan Bosco. n° 1. Burgos: 2008.
- OLIVEIRA, Manfredo de Araújo. Filosofia e teologia em diálogo com as ciências contemporâneas. *Análise e síntese: Revista de filosofia e teologia da Faculdade São Bento da Bahia*. n° 05, ano 3. Salvador, 2004.
- _____. Considerações sobre a filosofia na encíclica Fides et ratio. *Razão e fé: Revista Inter e transdisciplinar de teologia e filosofia*. v. 01, n° 01. Pelotas, 1999.
- _____. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RATZINGER, Joseph Cardeal. *Homília da Missa pro eligendo Romano Pontífice*, 18 de abril de 2005. Mimeo.
- RODRIGUES, Nelson. *Glórias e misérias da razão: deuses e sábios na trajetória do mundo ocidental*. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é o pós-moderno*. Rio: Brasiliense, 1986.
TRASFERETTI, J. GONÇALVES, P.S.L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
VATTINO, Gianni. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Thiago Nunes Barros

Licenciado em filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia (INSAF), pós-graduado em pedagogia salesiana pela Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), atualmente bacharelado em teologia no Centro Universitário Salesiano (UNISAL) em São Paulo - SP - Brasil. E-mail: thiagosdb@yahoo.com.br.

